



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 22/02/2019 a 28/02/2019

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²**

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Aluna ADM – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

| | GRÃO SOJA (US\$/bushel) | FARELO SOJA (US\$/ton. curta) | ÓLEO SOJA (cents/libra peso) | TRIGO (US\$/bushel) | MILHO (US\$/bushel) |
|--------------|----------------------------|----------------------------------|---------------------------------|------------------------|------------------------|
| 22/02/2019 | 9,10 | 305,60 | 30,51 | 4,86 | 3,75 |
| 25/02/2019 | 9,11 | 305,40 | 30,36 | 4,66 | 3,70 |
| 26/02/2019 | 9,03 | 303,20 | 30,09 | 4,60 | 3,66 |
| 27/02/2019 | 9,03 | 305,00 | 29,80 | 4,61 | 3,63 |
| 28/02/2019 | 8,97 | 302,30 | 29,96 | 4,52 | 3,62 |
| Média | 9,05 | 304,30 | 30,14 | 4,65 | 3,67 |

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos
Libra peso = 0,45359 quilo

bushel de milho = 25,40 quilos
tonelada curta = 907,18 quilos

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

| SOJA | Média* | Var. % relação valor anterior |
|----------------------|---------------|--------------------------------------|
| RS - Passo Fundo | 75,88 | 0,30 |
| RS - Santa Rosa | 75,00 | 0,27 |
| RS - Ijuí | 75,00 | 0,27 |
| PR - Cascavel | 73,50 | 0,75 |
| MT - Rondonópolis | 69,25 | -0,07 |
| MS - Ponta Porã | 70,25 | 1,08 |
| GO - Rio Verde (CIF) | 69,38 | 1,28 |
| BA - Barreiras (CIF) | 70,00 | 0,72 |
| MILHO | | |
| Argentina (FOB)** | 163,75 | -3,68 |
| Paraguai (FOB)** | 127,50 | 1,11 |
| Paraguai (CIF)** | 176,50 | 1,73 |
| RS - Erechim | 38,63 | -0,06 |
| SC - Chapecó | 39,69 | 1,63 |
| PR - Cascavel | 36,13 | 0,63 |
| PR - Maringá | 36,50 | 0,55 |
| MT - Rondonópolis | 29,81 | 2,27 |
| MS - Dourados | 33,50 | 0,60 |
| SP - Mogiana | 40,50 | 0,00 |
| SP - Campinas (CIF) | 43,63 | 0,29 |
| GO - Goiânia | 35,69 | 0,53 |
| MG - Uberlândia | 37,75 | 0,00 |
| TRIGO (***) | | |
| RS - Carazinho | 825,00 | 0,00 |
| RS - Santa Rosa | 815,00 | 0,00 |
| PR - Maringá | 950,00 | 0,00 |
| PR - Cascavel | 930,00 | 0,00 |

Período entre 22/02/2019 a 28/02/19

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 28/02/2019

| Produto | milho (saco 60 Kg) | soja (saco 60 Kg) | trigo (saco 60 Kg) |
|---------|-----------------------|----------------------|-----------------------|
| R\$ | 32,69 | 70,25 | 41,40 |

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 28/02/2019

| Produto | |
|--|--------|
| Arroz em casca (saco 50 Kg) | 39,95 |
| Feijão (saco 60 Kg) | 178,13 |
| Sorgo (saco 60 Kg) | 24,90 |
| Suíno tipo carne (Kg vivo) | 3,11 |
| Leite (litro) cota-consumo (valor líquido) | 1,13 |
| Boi gordo (Kg vivo)* | 5,17 |

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago recuaram no final desta semana, fechando a quinta-feira (28/02), último dia de fevereiro, em US\$ 8,97/bushel, contra US\$ 9,11 uma semana antes. Ou seja, após cerca de 45 dias, as mesmas voltaram a romper o piso dos US\$ 9,00/bushel. A média de fevereiro ficou em US\$ 9,10/bushel, contra US\$ 9,08 em janeiro, considerando o primeiro mês cotado. A título de comparação, a média de fevereiro de 2018 foi de US\$ 10,13/bushel. Portanto, em termos médios, o bushel de soja, nestes últimos 12 meses, perdeu 10,2% de seu valor em Chicago.

A semana se movimentou em torno de três temas. O primeiro, a expectativa pelo término da trégua entre EUA e China, dentro da guerra comercial que travam os dois países desde o início de 2018. Neste sentido, no início da semana houve otimismo com o fim desta guerra na medida em que negociações foram realizadas entre os dois países nos últimos dias de fevereiro. O presidente dos EUA chegou a informar que havia muitos positivos em tais negociações. Todavia, mais no final da semana declarações desencontradas desanimaram o mercado. Enquanto o secretário da Agricultura dos EUA afirmava que a China se comprometia em importar um volume adicional de 10 milhões de toneladas de soja daquele país, outro secretário indicava que a promessa de tal compra não era suficiente para resolver o conflito. Mesmo porque a guerra comercial é muito mais ampla em termos econômicos e geopolíticos.

Em tal contexto, o mercado fica sem referência confiável a respeito do conflito, e na espera de encaminhamentos. No final da semana circulou a informação, não confirmada até o momento em que escrevíamos este comentário, de que a trégua comercial, que se encerraria em 1º de março, seria prorrogada, talvez por mais 60 dias. Neste sentido, uma reunião entre os presidentes dos dois países estaria sendo organizada para a primeira semana de março na Flórida.

O segundo ponto de atenção do mercado durante a semana foi o Fórum Outlook do USDA. O mesmo adiantou uma informação altista para o mercado da soja, porém, a mesma acabou não sendo considerada até o momento. Segundo o Fórum, a nova safra de soja dos EUA terá uma redução de área semeada de 4,7%, com a mesma recuando para 34,4 milhões de hectares. Na prática, o mercado se atenta de fato para o relatório de intenção de plantio, o qual sai em 29/03.

Ligado a este ponto, está a atenção em torno da safra sul-americana. Neste sentido, analistas privados dão conta de que a produção brasileira será de 115,4 milhões de toneladas, enquanto a Argentina registraria 52 milhões; o Paraguai 9,8 milhões; o Uruguai 2,5 milhões e a Bolívia 2,7 milhões de toneladas. Com isso, a produção total da América do Sul, em 2018/19 ficaria em 182,4 milhões de toneladas, contra 170,7 milhões no ano anterior. Ou seja, um aumento de 6,8%, fato que esfria Chicago no momento em que a colheita avança no continente sul-americano. Neste sentido, vale ainda destacar que o clima não está provocando maiores problemas nesta safra, salvo perdas pontuais.

O terceiro ponto esteve ligado à forte oscilação dos preços do petróleo mundial, e os impactos nas exportações estadunidenses. Tais preços perderam 3% no início da semana, porém, recuperaram a perda no final da mesma, confirmando o alto grau de especulação em torno de tal mercado no momento. Uma redução em tais preços puxa

para baixo as demais commodities, especialmente a soja em função do impacto sobre o seu subproduto, o óleo de soja.

Ao mesmo tempo, as exportações líquidas dos EUA, no ano comercial 2018/19, iniciado em 1º de outubro passado, registraram 6,5 milhões de toneladas no acumulado de seis semanas encerradas em 14/02, sendo a China o maior comprador com 3,9 milhões, dentro dos esforços para encerrar o conflito comercial entre os dois países. Já para o ano 2019/20 as vendas totais chegaram a 378.600 toneladas. O mercado esperava um volume somado dos dois anos entre 6,1 e 9,6 milhões de toneladas. Na prática o mesmo ficou próximo do patamar mais baixo da expectativa.

Aqui no Brasil, com o câmbio se posicionando um pouco melhor, isto é, o Real se desvalorizando para valores em torno de R\$ 3,75 por dólar, os preços melhoraram um pouco. Porém, a forte queda nos prêmios nos portos nacionais se contrapôs a esta melhora. Na prática, para março, nossos prêmios oscilaram nesta semana entre menos US\$ 0,04 e mais US\$ 0,40/bushel, se constituindo nos mais baixos em meses.

Assim, enquanto no Rio Grande do Sul, onde a colheita ainda é incipiente, o balcão subiu para a média de R\$ 70,25/saco, e os lotes permaneceram em valores entre R\$ 73,50 e R\$ 74,00/saco, nas demais praças nacionais os lotes fecharam a semana nas seguintes médias: em Sorriso (MT) R\$ 61,00/saco; em São Gabriel (MS) R\$ 66,50; em Cascavel (PR) R\$ 72,50; em Goiatuba (GO) R\$ 66,50; em Campos Novos (SC) R\$ 78,00; em Uruçuí (PI) R\$ 67,00; e em Pedro Afonso (TO) R\$ 68,00/saco.

A colheita avança no Brasil tendo chegado ao final deste mês de fevereiro com cerca de 40% da área semeada já colhida. No Rio Grande do Sul a mesma atingia ao redor de 2% apenas. O mercado em geral segue bastante lento, com os produtores esperando melhoria nos preços, dentro de um quadro geral que oferece poucas possibilidades para que isto ocorra no curto prazo.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 07/02/2019 a 28/02/2019.

Gráfico da Variação das Cotações do GRÃO DE SOJA entre 07/02/2019 e 28/02/2019 (CBOT)

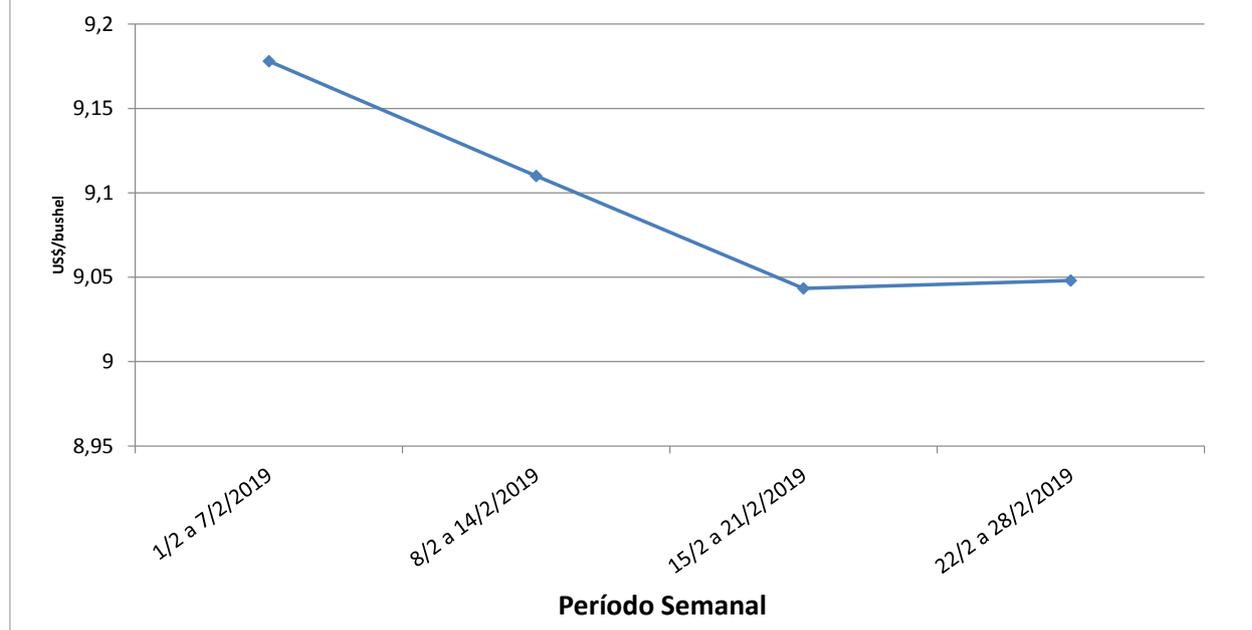
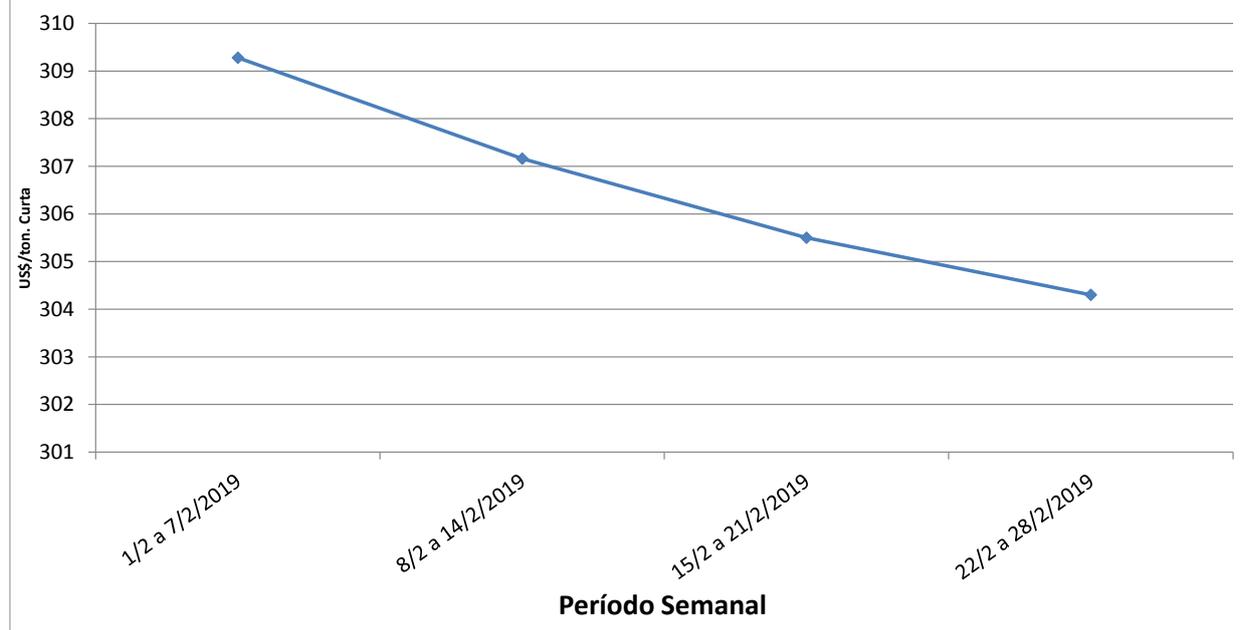
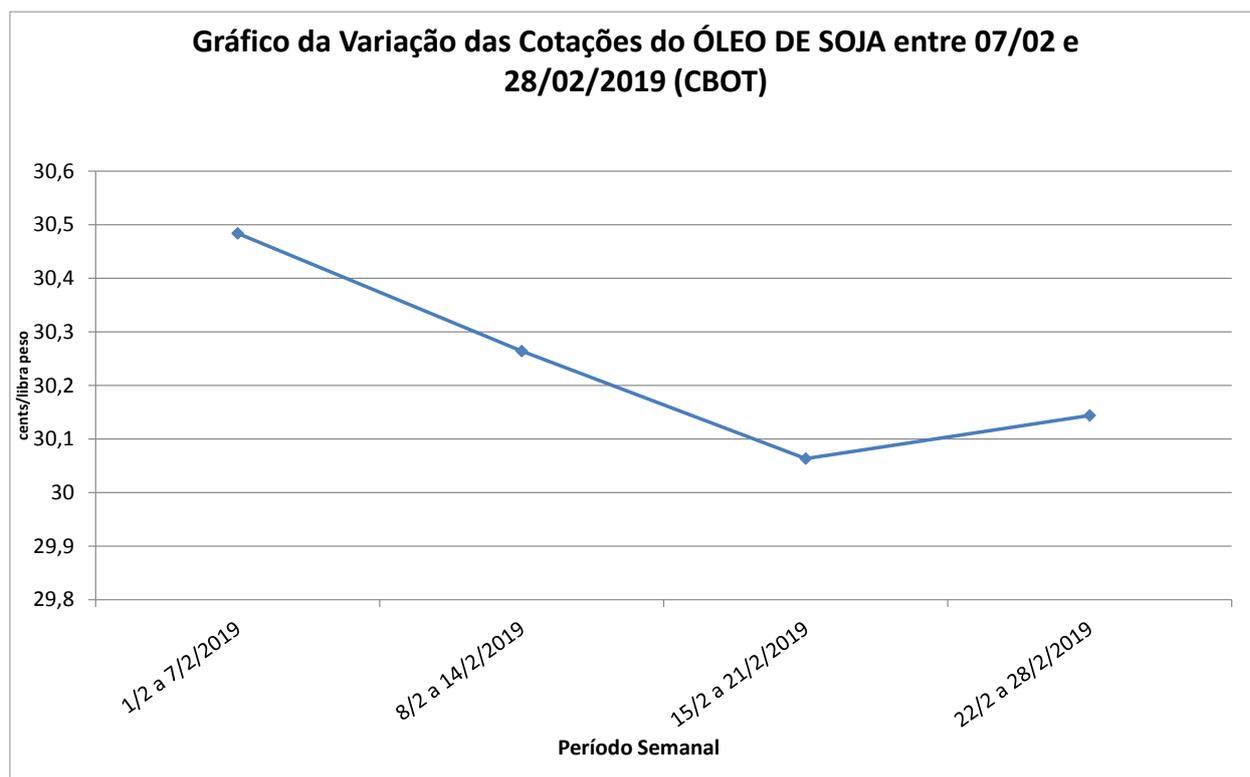


Gráfico da Variação das Cotações do FARELO DE SOJA entre 07/02 e 28/02/2019 (CBOT)





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago igualmente recuaram nesta semana, batendo em US\$ 3,62/bushel no fechamento do dia 28/02 (quinta-feira). Este valor é o mais baixo, para o primeiro mês cotado, desde o final de novembro passado. A média de fevereiro fechou em US\$ 3,73/bushel, contra US\$ 3,78 em janeiro. Para comparação, em fevereiro de 2018 a média foi de US\$ 3,66/bushel.

No mercado externo, a possibilidade de um acordo comercial entre EUA e China nesta virada de mês deu algum alento ao mercado, porém, a mesma não chegou a se sustentar por muito tempo, diante do desencontro de declarações oficiais a respeito.

Por sua vez, as vendas líquidas de milho estadunidense, no acumulado das seis semanas encerradas em 14/02, atingiram a 6,06 milhões de toneladas, sendo o México o maior comprador com 1,4 milhões.

Paralelamente, o Fórum Outlook do USDA, ocorrido na semana anterior, projetou uma área a ser semeada com milho neste ano em 37,2 milhões de hectares, o que seria 3,2% acima da área do ano anterior. Mas também aqui o que conta de fato para o mercado é o relatório de intenção de plantio, o qual sairá apenas em 29/03.

Já o clima relativamente seco em algumas regiões da Argentina, e perdas em lavouras brasileiras, por enquanto estariam sendo ignorados pelos operadores em Chicago. Na prática, as perdas brasileiras são pontuais. No Rio Grande do Sul, por exemplo, aponta-se que a safra poderá ser um milhão de toneladas maior do que o indicado

inicialmente, podendo bater em 6,7 milhões de toneladas. Neste momento, cerca de 57% da área já teria sido colhida no Estado.

Na Argentina, a tonelada FOB fechou a semana em US\$ 162,00, enquanto no Paraguai a mesma ficou em US\$ 127,50.

No Brasil, os preços médios do milho se mantiveram relativamente estáveis, com alguma alta nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 32,69/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 36,00 e R\$ 38,00/saco. Nas demais praças nacionais, os lotes oscilaram entre R\$ 25,50/saco em Sorriso e Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 43,00/saco em Itahandu (MG), passando por R\$ 40,00 em Videira e Campos Novos (SC). Nota-se maior firmeza de preços nestas demais praças.

Na prática, há um aperto de oferta no Sudeste brasileiro, especialmente em São Paulo, caixa de ressonância deste mercado do milho já que ali se situa a BM&F. Assim, no curto prazo a tendência ainda é de alta de preços, a qual se repercute ao Centro-Oeste, onde a produção de verão é pequena e a safrinha passada já foi bastante comercializada.

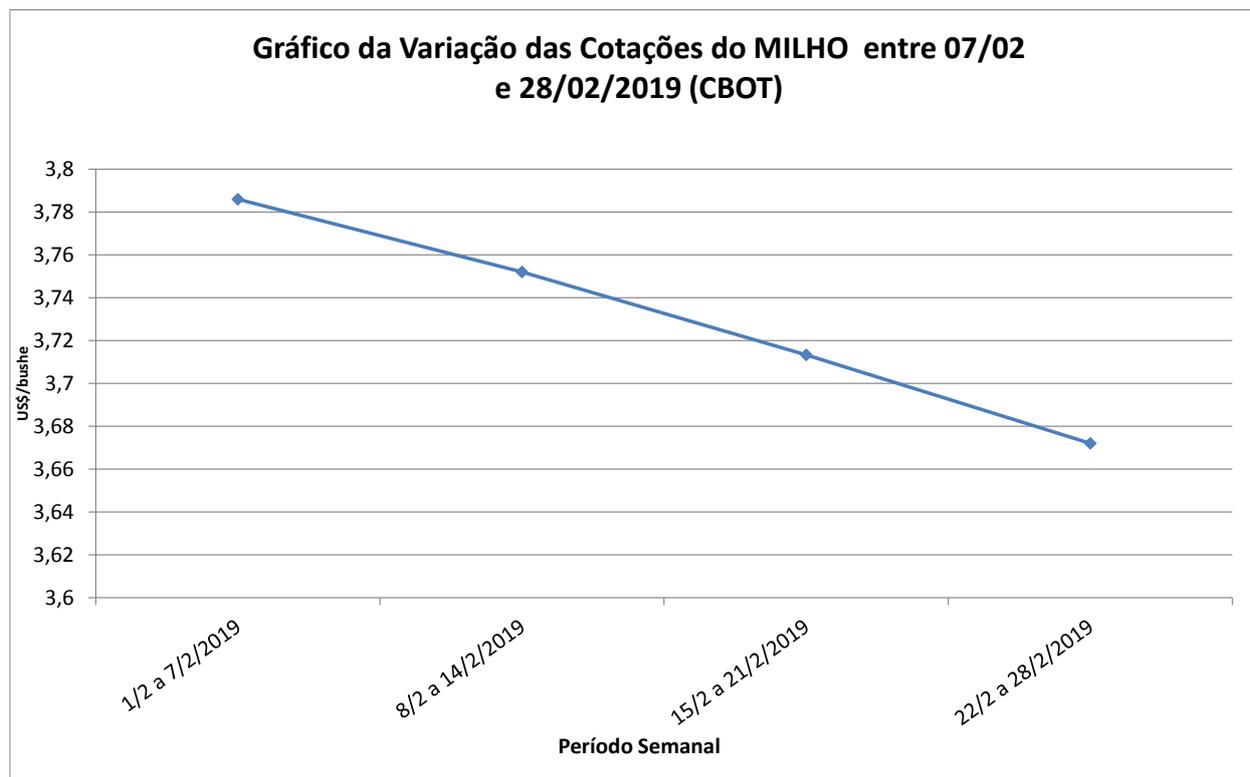
Em paralelo, registra-se um fluxo de embarque importante nos portos do sul do país, fato que igualmente sustenta os preços em boa parte desta região. No Paraná, compradores oferecem R\$ 36,00/saco para o produto da futura safrinha, porém, não encontram interessados em vender o cereal a este valor. Já em São Paulo, a Sorocabana indica preços entre R\$ 39,00 e R\$ 40,00/saco, enquanto o referencial Campinas fica entre R\$ 43,00 e R\$ 44,00/saco no CIF. No porto de Santos, compradores posicionados entre R\$ 37,00 e R\$ 37,50/saco, porém, sem interesse dos vendedores. Em Goiás, a safrinha apresenta ofertas entre R\$ 26,00 e R\$ 27,00/saco na região de Jataí, para julho e agosto. E em Minas Gerais a colheita de verão chega a apenas 3% neste final de fevereiro. (cf. Safras & Mercado)

Quanto as exportações de milho por parte do Brasil, até o início da última semana de fevereiro as mesmas haviam atingido a 1,65 milhão de toneladas. No mês inteiro de fevereiro de 2018, nossas vendas externas do cereal ficaram em 1,25 milhão de toneladas.

Por sua vez, as chuvas voltaram às regiões da safrinha, acalmando o mercado neste momento. Mesmo assim, como a colheita da mesma se inicia em junho, considera-se que o mercado paulista continue pressionado pela falta do cereal até meados do ano, a mercê das importações de outros Estados, particularmente o Paraná.

A colheita da safra de verão brasileira chegava a 30,5% da área até o dia 22/02, contra 31% no mesmo período do ano anterior. Já o plantio da safrinha 2019, no Centro-Sul brasileiro, batia em 67,4% na mesma data, contra 47,1% um ano antes. (cf. Safras & Mercado)

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 07/02/2019 a 28/02/2019.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago despencaram nesta semana, fechando a quinta-feira (28) em US\$ 4,52/bushel, contra US\$ 4,86 uma semana antes e US\$ 5,27 no dia 05/02. As atuais cotações não eram vistas desde o início de abril de 2018. Com isso, a média de fevereiro ficou em US\$ 4,98/bushel, contra US\$ 5,16 em janeiro. A título de comparação, a média de fevereiro de 2018 foi de US\$ 4,56/bushel. A média deste mês de fevereiro de 2019 é a mais baixa desde abril de 2018.

O forte recuo nas cotações se deu mesmo diante de um corte de dois milhões de toneladas na projeção da safra mundial do cereal para 2018/19, feita pelo Conselho Internacional de Grãos (CIG), e na informação de que o Fórum Outlook do USDA reduziu a futura área de trigo nos EUA para 19 milhões de hectares, contra 19,3 milhões no ano anterior.

De fato, o que vem pesando sobre as cotações em Chicago é a falta de competitividade do trigo estadunidense no mercado mundial. O trigo francês tem preços menores e o cereal russo e ucraniano têm custos menores de exportação. Para completar o quadro a Rússia anunciou, nesta semana, que não pretende colocar tarifas sobre suas vendas externas de trigo. Assim, analistas internacionais consideram que o trigo estadunidense deva recuar ainda mais em Chicago para conseguir obter vantagem sobre seus concorrentes, especialmente nas vendas para a África e Oriente Médio. (cf. Safras & Mercado)

Ora, o trigo argentino se baliza pela Bolsa de Chicago. Em ocorrendo novas reduções de preços, este produto ficará mais barato, tornando a importação brasileira mais favorável. Tal realidade somente não ocorrerá se a disponibilidade do cereal argentino ficar muito reduzida e/ou se o câmbio no Brasil mudar de patamar e houver uma desvalorização do Real.

Dito isso, a tonelada FOB para exportação, no Mercosul, oscilou entre US\$ 225,00 e US\$ 230,00, sendo que a safra nova argentina, na compra, já recuou para US\$ 190,00 em termos nominais.

Aqui no Brasil, os preços se mantiveram relativamente estáveis, com algum viés de alta diante da pouca disponibilidade do produto local de qualidade superior. Assim, o balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 41,40/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 48,00. No Paraná, o balcão registrou valores médios de R\$ 50,00/saco, enquanto os lotes giraram entre R\$ 54,00 e R\$ 55,20/saco. Em Santa Catarina, o balcão ficou entre R\$ 42,00 e R\$ 43,00, enquanto os lotes, na região de Campos Novos, registrou R\$ 51,00/saco.

Com o recuo da cotação em Chicago, a tonelada de trigo na Argentina e em outros países exportadores acabou baixando de preço. Com isso, em o câmbio no Brasil permanecendo nos atuais níveis, fica mais barato importar o cereal. No caso da Argentina, o que pode compensar tal situação é o fato de que a disponibilidade de produto para exportação já estar reduzida, fato que pode forçar a preços mais consistentes caso a demanda externa se mantenha elevada. (cf. Safras & Mercado)

Neste sentido, é certo que o Brasil será o principal comprador do cereal do vizinho país diante da baixa produção local de produto de qualidade superior. Resta verificar se Uruguai e Paraguai possam a compensar a redução da oferta argentina a partir de março.

Enfim, no atual contexto nacional, especula-se que a área com a nova safra brasileira de trigo, a ser semeado a partir de abril/maio, venha a aumentar. Especialmente porque os atuais preços estão bem mais elevados do que os registrados no ano passado nesta época. No Paraná, estão 30% mais altos e no Rio Grande do Sul cerca de 50%. Todavia, é importante considerar, na decisão dos produtores, o fato de que nas últimas safras houve quebras importantes devido ao clima, provocando prejuízos elevados. Isso pode levar os mesmos a aumentarem a área, porém, com menor investimento tecnológico na cultura, comprometendo o resultado final em termos de produtividade e qualidade do produto.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 07/02/2019 a 28/02/2019.

Gráfico da Variação das Cotações do TRIGO entre 07/02 e 28/02/2019 (CBOT)

